



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS E POLÍTICAS DA EDUCAÇÃO

JANIELLE NEVES DE OLIVEIRA

A importância do brincar na Educação Infantil: uma análise teórica

NATAL-RN

2017

JANIELLE NEVES DE OLIVEIRA

A importância do brincar na Educação Infantil: uma análise teórica

Artigo apresentado ao Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Me. Bárbara Raquel Coutinho Toscano Azevedo

Co-orientadora: Prof. Esp. Lucineide da Cruz Araújo

NATAL-RN

2017

JANIELLE NEVES DE OLIVEIRA

A importância do brincar na Educação Infantil: uma análise teórica

Banca Examinadora:

Prof.^a Me. Barbara Raquel Coutinho Toscano Azevedo
Orientadora

Prof.Dr^a Cynara Teixeira Ribeiro
1^a Examinadora

Prof. Esp. Lucineide da Cruz Araújo

2^a Examinadora

NOTA:_____

RESUMO

Este artigo tem como objetivo e desenvolvimento compreender como o ato de brincar pode influenciar na aprendizagem das crianças e que local ele ocupa na rotina das instituições infantis. Utilizamos como procedimentos metodológicos a análise bibliográfica aliada as experiências obtidas ao longo da graduação. E a partir disso foi possível compreender de que modo os documentos oficiais, juntamente com outras fontes destacam a importância do brincar para o desenvolvimento infantil e a responsabilidade dos professores em organizar suas rotinas considerando que o brincar é de grande relevância na educação da infância juntamente com o cuidar e ensinar.

Palavras-chave: Educação Infantil, Brincadeiras, Criança

ABSTRACT

The importance of playing in children's education arises through the construction of concepts of children, childhood, early childhood education and play. Thus, the goal of this Arctic is to understand how the act of playing can influence the learning of children and what place it occupies in the routine of children's institutions. The methodological approach is the bibliographic analysis allied to the experiences obtained during the graduation. This article was constructed from the historical re-signification of the concepts of children, infancy and early childhood education that allowed a greater understanding of the role the child occupied in society, especially in the seventeenth and eighteenth centuries and what role it occupies in the current organization. And from this it was possible to understand how the official documents together with other sources highlight the role of play for the development of the child and the responsibility of teachers to organize their routines considering that playing as one of the most important points of education of Together with caring and teaching.

Keywords: Education. Learning. Child. Games

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, o conceito de infância como etapa importante de descobertas e desenvolvimento de aspectos biológicos, psicológicos e moral nos permite compreender que as crianças possuem necessidades específicas na fase da infância e foi imprescindível para que se pensasse em um modelo diferente dos já conhecidos de educação baseado em três pilares de formação integral: educar, cuidar e brincar.

Surge então a Educação Infantil que logo se configurou como alvo de diversos estudos que visam compreender o âmbito escolar, de que maneira as aprendizagens acontecem e se colocam de forma tão intensa para as crianças. Sabe-se que a interação das crianças com os demais membros da comunidade escolar é um dos pontos mais importantes da construção de conhecimentos e experiências enriquecedoras. Neste contexto, o responsável pela promoção dessas experiências é o professor. Segundo os Referenciais Curriculares Nacionais:

Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar, é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições, sejam elas mais voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta. (RCNEI, Volume 1. p.27)

Desse modo, o brincar ganhar destaque nas salas de aula por permitir o uso de sua imaginação na compreensão e sua compreensão. Assim, se pode destacar a importância de se pesquisar sobre o tema, porque o brincar permeia várias relações criadas na infância e através da brincadeira a criança consegue estabelecer conexões mais estreitas entre a realidade como de fato existe e o modo como lhe é apresentado dentro do seu universo, algumas vezes ainda bastante egocêntrico.

Sendo assim, é de extrema relevância tratar sobre o brincar na Educação Infantil de forma que se possa compreender como aspectos do desenvolvimento da criança são atingidos quando se brinca e de que modo isso acontece na escola, que importância se dá ao longo da rotina e qual o papel do professor na organização dessas atividades.

Bem como, investigar como o brincar aparece muitas vezes na educação infantil como um momento de entretenimento para a criança, quando não se está realizando alguma atividade, em muitas vezes costuma-se colocar as crianças para brincar. Em alguns casos escolares, a brincadeira acontece também de forma delimitada, restringindo o potencial das crianças.

A brincadeira, sendo uma atividade importante para o desenvolvimento da criança, deve ser considerada pelos adultos como algo sério, que nasce de uma necessidade de movimento e imaginação da criança e consequência de seu crescimento, devendo portanto estar presente na escola nas mais variadas situações e sob as mais diversas formas. Para PIAGET, (1978) as brincadeiras infantis não são apenas atividades em que as crianças desabafam ou se entretêm para gastar energias, mas meios que contribuem e enriquecem o seu desenvolvimento cognitivo.

A escrita deste artigo teve como objeto de estudo as definições de criança, infância e que importância o brincar tem na educação infantil. O modo como o brincar é visto pelos professores da educação infantil e de que modo eles organizam sua rotina para propiciar esse momento importante de interação em sala de aula também são alvo de interesse nos estudos.

Ao longo deste artigo busca-se compreender qual a importância do brincar para as crianças e para que isso fosse possível, foi adotada uma metodologia de pesquisa baseado nos relatos e experiências adquiridas ao longo da graduação, registro de experiências e observações realizadas durante os estágios que contribuíram ao longo da formação.

2. As crianças, suas infâncias e suas brincadeiras.

2.1 Concepções sobre criança e infância.

Quando nos referimos à Educação Infantil, estamos falando acerca de uma organização moderna quanto ao ensino de crianças na faixa etária de 0 a 6 anos. Essa nova estruturação da aprendizagem de crianças pequenas encontrada nos mais diversos centros ou instituições de ensino infantil se faz extremamente necessária diante do ambiente social no qual estamos inseridos em que a mulher também trabalha e contribui com o sustento da casa e não apenas como cuidadora do lar.

Apesar de, para nós, essa nova distribuição de tarefas diárias e espaços ocupados pela criança serem muito naturais, alguns conceitos muito simples como criança e infância foram construídos ao longo de um processo de mudanças muito intensas acentuadas durante o período da Revolução Industrial. Antes disso, era muito comum a visão de criança como um ser sem vontade próprias, dependente dos demais e que estava em estado de espera até a vida adulta a partir da qual poderiam assumir uma função social. A esse respeito, podemos encontrar em Oliveira (2005, p. 85), a seguinte afirmação:

Logo após o desmame, a criança pequena era vista como pequeno adulto e, quando atravessava o período de dependência de outros para ter atendidas suas necessidades físicas, passava a ajudar os adultos nas atividades cotidianas, em que atendia o básico para sua integração no meio social.

A referida autora destaca que os cuidados dedicados às crianças eram apenas básicos, cuidado esse que tinha por objetivo fortalecê-las e garantir a sua sobrevivência. Em alguns casos a autora afirma que as famílias mais ricas poderiam fornecer alguma espécie de agrados às crianças, mas ainda sem acreditar na existência de uma identidade particular. Dessa forma, o conceito de criança por muito tempo estava ligado a ideia de dependência e responsabilidade que cabia a família exercer e nas famílias essa responsabilidade era ainda mais ligada as mulheres, avó, tias e principalmente as mães das crianças. Este pensamento so

vem mudar no início do século XIX, onde a criança é enxergada como indivíduo dotada de pensamentos, vontades e atitudes próprias.

Esta responsabilidade por parte maior da figura materna só foi modificada quando a estrutura familiar também passou por mudanças, partindo de uma nova organização na qual pais e filhos se passaram a morar em uma casa longe dos demais parentes sendo menos comum a organização em que grandes famílias dividiam as casa e, posteriormente, quando mulher se insere no mercado de trabalho.

O surgimento de creches e pré-escolas partiu da necessidade de promover um cuidado que até então era de responsabilidade das mães. A função principal dessas primeiras organizações responsáveis pelas crianças longe do ambiente familiar era de cuidar, alimentar e proteger.

Essa conduta estava ancorada em um conceito acerca da infância e da criança que como pessoa em espera pela fase adulta. A esse respeito, Oliveira (2005) afirma que não existia uma compreensão de que o período entre o nascimento e a fase adulta se caracterizava por período de desenvolvimento que exigia, portanto, estímulos e experiências que ajudariam na construção de conceitos e na formação da pessoa humana.

Quando as sociedades, durante o século XVIII, começaram a se organizar em todo do ambiente urbano, a economia era baseada na manufatura e pôde ser observado um aumento na precariedade das condições sociais, em muitos casos crianças eram abandonadas por consequência da pobreza ou de maus tratos.

Acolhidas pelas mulheres da comunidade ou instituições religiosas, os pequenos desde muito cedo eram alimentados e ensinados segundo os preceitos religiosos para que se desviassem do caminho do pecado e pudessem conviver em sociedade.

Não tinham uma proposta institucional formal, embora logo passassem a adotar atividades de canto, de memorização de rezas ou passagens bíblicas e alguns exercícios do que poderia ser uma pré-escrita ou pré-leitura. Tais atividades voltavam-se para o desenvolvimento de bons hábitos de comportamento, a internalização de regras morais e de valores religiosos, além da promoção de rudimentos de instrução, (OLIVEIRA, 2005, p 60).

Durante os séculos XVIII e XIX, a obrigatoriedade do ensino intensificou os estudos de diversos teóricos a respeito da educação como um dos motivos de impulsão social que geraram discussões a sobre os objetivos desse ensino até então restrito para as crianças de famílias ricas. Dividiam-se então em dois grandes grupos: aqueles que acreditavam que o ensino para crianças pobres acarretaria em uma perda de verba por parte do governo, porque o que esses necessitavam era do ensino baseado em valores morais e da aprendizagem de um ofício, e, o segundo grupo que procurava estudar sobre como ensinar e disciplinar as crianças sem o uso de maneiras punitivas, as quais eram muito usadas pelas instituições escolares até então.

Aliada a concepção de que a infância como um período que por si só deveria ser valorizado, surgiu o pensamento de também ser responsabilidade do professor a promoção de experiências significativas na construção de conhecimentos não mais ligados aos valores religiosos, mas, sim a liberdade das crianças em seguir o seu ritmo. Também era defendido o ensino baseado na experimentação, observação e na curiosidade, em momentos de prazer para a criança, o que abriu os caminhos para os estudos sobre o brincar nessa faixa etária.

O trabalho pedagógico com e para as crianças na escola, visto ser um espaço onde elas passam parte importante de suas vidas e que tem a função social de propiciar aprendizagens, não pode desconsiderar a necessidade imperiosa, tanto de destinar tempos e espaços específicos para a vivência e a aprendizagem de brincadeiras pelas crianças, como também deve buscar impregnar de um caráter lúdico, de imaginação e fantasia, as atividades escolares, tornando-as significativas aos interesses infantis e criando condições de a criança poder viver sua infância de modo mais feliz, direito seu de cidadã.

A brincadeira na escola se revela muito mais complexa, múltipla e contraditória do que leva em conta o princípio didático-pedagógico que associa o brincar a aprender. Brincar é uma forma de aprender e muito mais. Como afirmam FONTANA e CRUZ (1997, p.139): *Brincar é experimentar-se, relacionar-se, imaginar-se, expressar-se, compreender-se, confrontar-se, negociar, transformar-se, ser. (...) É prática social, atividade simbólica, forma de interação com o outro. (...) É criação, desejo, emoção, ação voluntária.*

Ao teorizar sobre a brincadeira como uma atividade cultural que provoca transformações no pensamento da criança, Vygotsky (1988), partiu do princípio que o sujeito se constitui nas relações com os outros, por meio de atividades caracteristicamente humanas. Nesta perspectiva, a brincadeira infantil assume uma posição privilegiada para a análise do processo de constituição do sujeito, rompendo com a visão tradicional de que ela é atividade natural de satisfação de instintos infantis. Do mesmo modo, o autor apresenta o brincar como uma atividade em que, tanto os significados social e historicamente produzidos são construídos, quanto novos podem ali emergir. A brincadeira e o jogo de faz-de-conta são considerados como espaços de construção de conhecimentos pelas crianças, na medida em que os significados que ali transitam são apropriados por elas de forma específica.

A partir desse princípio de que o brincar é uma prática cultural de construção de conhecimentos na infância, defendemos que as práticas de alfabetização na perspectiva do letramento levem em conta que a brincadeira é uma prática cultural e histórica, dotada de múltiplas significações, que permite à criança a assimilação de conhecimentos sobre a língua, suas formas de organização e seus usos sociais.

Kishimoto(2010) em seu artigo Brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil observa que a criança “mesmo pequena, sabe muitas coisas, toma decisões, escolhe o que quer fazer, interage com pessoas, expressa o que sabe fazer e mostra em seus gestos, em um olhar, uma palavra que é capaz e compreende o mundo”, neste trecho a autora aponta a autonomia que a criança já possui nas suas relações sociais, o modo como baseia suas ações em seus desejos e como já possui conhecimentos seja acerca do mundo que vive ou das pessoas que estão a seu redor.

Essa mesma autora em entrevista ao “Jornal do Professor” nos falar sobre o brincar como modo encontrado pela criança de expressar seus sentimentos, vontades e ao mesmo tempo em que interage com outras crianças. Ao partilhar brinquedos de uso comum nas instituições de ensino, a criança tem a oportunidade de viver novas experiências significativas, é preciso que elas tenham a sua disposição brinquedos que possam ser acessados por elas e que sejam promovidos também momentos de brincadeira livre e em grupo, para que a criança tenha liberdade exercitar as suas vontades e tomar suas decisões.

Essa liberdade, desejos e necessidades apresentadas na infância devem ser e respeitadas pelos centros de educação infantil, uma vez que são guiadas pelos

documentos oficiais de educação regentes em cada país. Tal documento assegura a importância que essa etapa de formação tem a partir de seu posicionamento como primeiro passo na educação básica. Aqui no Brasil, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil, doravante RCNEI, norteia as ações tomadas no âmbito da educação infantil e de sua estrutura curricular. Esse documento define três pilares principais para a essa etapa de educação: Educar, Cuidar e Brincar.

O RCNEI (1998, p.27) aponta a brincadeira como um momento único da condição do indivíduo quanto criança e quais consequências esse ato traz:

A brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil.

O ato de brincar permite as crianças a modificação da realidade vivenciada por elas e a interpretação de papéis segundo seu ponto de vista. Mas que importância se atribui ao brincar na educação infantil?

O RCNEI prevê como objetivo o desenvolvimento de capacidades importantes para o desenvolvimento integral das crianças passando pelas áreas de linguagens oral, identidade e autonomia, natureza e sociedade, dentre outras que estão interligadas ao longo da rotina dos centros de educação infantil e tomam como referencial de suas ações os três pilares citados acima.

Dessa maneira, acreditamos que o brincar na Educação Infantil serve como o eixo orientador e estimulador para o desenvolvimento e o desempenho de suas atividades é muito importante, mostrando assim, que é necessário que o professor tenha consciência do valor pedagógico das brincadeiras e dos jogos para a criança já desde a educação infantil. As variações das brincadeiras na Educação Infantil vão promover um maior desenvolvimento da criança que pode favorecer uma prática voltada para um relacionamento mais reflexivo, entre muitas outras contribuições do brincar para a prática pedagógica, na Educação Infantil.

2.2A IMPORTÂNCIA DA BRINCADEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para que se possa compreender de modo mais específico o que acontece com a criança quando ela brinca, teríamos que começar com um apanhado geral de como a criança aprende a brincar. Podemos dizer que a primeira maneira com a qual a criança tem contato com as brincadeiras é através do convívio com os outros.

Pais ou adultos, em geral, são os primeiros a brincar com as crianças ainda nos seus primeiros dias de vida. São os adultos que mostram à criança que estas relações podem ser prazerosas e as crianças compreendem isso. Quando maiores, as crianças passam a interagir não só com os adultos, mas consigo mesmas ou com outras crianças.

A partir do brincar é estabelecido um sentimento de liberdade, no qual ela pode criar, recriar e reproduzir situações que vivencia em seu dia a dia. Kishimoto (2010, p. 1) nos aponta que:

O brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança, dá prazer, não exige, como condição, um produto final, relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades, e introduz no mundo imaginário.

O brincar é antes de tudo um momento de prazer para a criança, no qual podem ser feitas descobertas, pode-se construir uma autonomia moral e pode-se desenvolver habilidades de aprendizagens. Esse é um dos motivos pelos quais o brincar vem ganhando destaque na educação infantil.

Vista com enfoque na criança que brinca e no que faz enquanto brinca, a brincadeira é, sem dúvida uma forma de aprender, portanto deve fazer parte dos espaços e de tempos de aprendizagem na escola, pois brincando a criança está desenvolvendo uma estrutura de organização que lhe dá condições para o desenvolvimento das relações sociais, cognitivas e afetivas, pois é nesse momento que a criança ultrapassa o comportamento cotidiano habitual de sua idade, onde ela age como se fosse maior do que é, como se conhecesse mais do que realmente conhece.

Vamos agora falar sobre duas ocasiões na qual o brincar aparece, a primeira apresenta-se na organização lúdica nas atividades e a segunda ocorrendo que podemos chamar de brincadeira livre.

Quando nos deparamos com um planejamento de atividades para educação infantil, surge sempre a necessidade de se pensar em atividades lúdicas que possam ajudar o professor a conduzir suas atividades propostas, de modo que as crianças se sintam envolvidas através de músicas, brincadeiras, contação de histórias com fantoches e muitos outros recursos que podem ser utilizados pelos professores.

O conceito de lúdico está muito ligado ao conceito de brincar, já que envolve o prazer sem nenhum objetivo, além do próprio divertimento e aparece no ensino infantil como uma saída para melhorar a rotina e possibilitar aos professores uma alternativa a mais nas suas atividades. Em algumas escolas podemos até encontrar um espaço, geralmente coberto com brinquedos de materiais acolchoados que recebe o nome de “espaço lúdico” e que tem um espaço reservado para cada turma ao longo da semana.

É um espaço que, geralmente, desperta o interesse das crianças pelas suas cores chamativas, formas, sensações despertadas e que pode ser muito bem utilizado pelas professoras, porque, apesar de ser um ato livre e despretenhoso o brincar também educa e é através dele que a criança compreende entre outras coisas sobre seu próprio corpo.

E é assim, através de atividades que tem como ponto principal a criatividade, a curiosidade e que é diretamente conduzido pela criança que se dá a atividade lúdica ou o fazer lúdico. Mas como isso pode contribuir no desenvolvimento da criança?

Vamos tomar como exemplo uma turma de alunos com faixa etária de 2 a 3 anos que tem acesso a um espaço lúdico uma vez por semana, durante cerca de 30 minutos. Por mais que esteja sob a supervisão de suas professoras, as crianças estarão sendo regentes de suas próprias brincadeiras e poderão fazer suas próprias regras na hora de estabelecer quem irá escorregar primeiro, de que modo usar aqueles brinquedos, seja jogando nos colegas ou empilhando em cima do outro, pode-se até usá-los como chapéu.

Em alguns momentos, naturalmente, serão feitas intervenções das professoras a respeito da forma como a brincadeira está sendo realizada para que

não se machuque o colega, ou para que seja despertado o interesse em outros pontos do espaço, ou outros materiais disponíveis. Mas de uma forma geral, a criança tem autonomia para escolher o que é de seu interesse e caso as professoras não façam intervenções é de interesse da criança a exploração do espaço e elas tendem a brincar por si só.

O papel do professor durante as brincadeiras deve ser o de provocar e desafiar a participação individual e coletiva na busca de encaminhamentos e resolução dos problemas. Pois é através das brincadeiras que podemos despertar e incentivar nas crianças o espírito de companheirismo e de cooperação

Por meio das brincadeiras, o professor pode observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em grupo e de cada uma em particular , registrando suas capacidades de uso das linguagens , assim como de suas interações sociais e recursos afetivos e emocionais que expressam

Outro ponto que ganha destaque nas observações em sala da educação infantil é o espaço reservado à brincadeira livre, ou às brincadeiras realizadas durante a rotina. Elas costumam ter um espaço recortado e muito bem delimitado no dia das crianças, em alguns casos é reservado o momento de brincadeira no Parque para que se hajam interações e em outros momentos pode-se até se substituir a brincadeira em sala pelo uso de vídeos e histórias transmitidas pelos aparelhos de televisão.

É preciso que além de permitir que as crianças tenham garantidos o seu direito de brincar que esse momento seja realizado de forma plena. Existe uma grande diferença entre o brincar direcionado e a brincadeira livre. Imagine que você está com muita fome e lhe digam que você pode comer o que deseja, basta apenas escolher dentre as coisas que serão colocadas nas mesas em sua frente. Você observa de longe um prato de macarrão com molho de tomate e um bife, mas tudo o que você pode escolher comer é uma salada verde, ovos fritos ou uma porção de batata doce.

Você pode adorar salada e comer com muito gosto um prato de salada e ao final sentir-se satisfeito, mas isso não muda o fato de que você nunca pôde optar pelo prato de macarrão. Assim também pode acontecer com as crianças, elas podem querer muito brincar com carrinhos e sonhar com isso durante muito tempo, mas só é permitido a elas brincar com blocos e de desenhar. Delimitando, em algumas vezes o imaginário das crianças.

A exploração do ambiente e a possibilidade de fazê-lo influenciam fortemente na construção da autonomia das crianças e do conceito que elas têm de si mesma, da sua personalidade. A criança que brinca livremente sem ter determinado ao que deve ser direcionado seu interesse desenvolve a criatividade e diversos outros aspectos como a memória e a experimentação.

A essas crianças também são permitidas a socialização com outras crianças na mediação de conflitos, considerando que tendo interesses em comum, certamente as crianças desejarão brincar com as mesmas coisas ou impor suas vontades as outras e é preciso que se trabalhe numa autor regulação que possibilita a compreensão de regras, a imposição de limites a si mesmas e a organização e responsabilidade por seus brinquedos.

Considerando que quando se brinca em um ambiente comum, é necessário que se organize os brinquedos para que ele volte a ser do mesmo jeito que era antes da brincadeira, com seus objetos de volta aos lugares determinados.

A imaginação é também outro aspecto importante que se destaca na brincadeira livre, afinal, não há limites para o imaginário das crianças, para a forma como elas compreendem as representações sociais a sua volta e como externam isso por meio das suas brincadeiras.

Assim, é importante que a criança possa repensar e modificar as brincadeiras já existentes, bem como construir novos brinquedos, permitir que uma cadeira se torne um avião e que um pedaço de tecido seja a sua capa de super-herói. E é nesse contexto que se organiza a educação infantil, tendo como responsabilidade utilizar o brincar para permear todas as relações e fazer com que essa atividade mais importante se apresente como facilitadora do cuidar e educar.

Portanto, a brincadeira é, para a criança, uma forma básica de viver. Brincando, a criança vive experiências e desenvolve habilidades fundamentais ao seu desenvolvimento. Estas habilidades a criança alcança, seja através de suas próprias brincadeiras ou daquelas elaboradas por outras crianças e pelos adultos.

A criança, quando brinca integra-se ao seu meio cultural e social. É um movimento constante na busca da novidade pela curiosidade, por isso ela faz experiência, diversifica suas atividades e investiga.

Não há espaço e tempo determinado pela criança para brincar: onde estiver presente a criança, ou grupos de crianças, está a brincadeira. É a maneira mais

própria da criança interagir com o mundo. Brincando, a criança é capaz de participar do seu contexto e perceber-se como ser no mundo, deixando fluir sua criatividade, organizando sua personalidade.

Se considerarmos que a criança aprende de formas interativas, envolvendo sua cognição, sua afetividade, seu corpo, fica claro que a brincadeira desempenha um papel de grande relevância em seu desenvolvimento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da construção e ressignificação de alguns conceitos ao longo deste artigo, foi possível observar uma mudança na maneira como a criança é vista pela sociedade e de que forma suas necessidades são atendidas. Realizamos também um apanhado do que se buscava ensinar, que conteúdos ou valores eram priorizados e de que forma essas concepções influenciavam na ideia de criança e infância.

Esses conceitos que hoje atribuímos quando nos referimos às crianças e o período de vida que antecede a fase adulta nos fazem refletir sobre que importância tem essa etapa da vida e de que forma ela pode ser vivida em sua plenitude. Historicamente, tem-se determinado papéis para as crianças nos contextos familiar, social e escolar. Atualmente, espera-se que esse papel possa ser definido como simplesmente o de ser criança e poder gozar dos seus direitos como tal.

Diante disso é preciso que não só o direito a ser criança seja garantido, mas que seu desenvolvimento integral seja priorizado. Portanto, é indispensável construirmos um ambiente favorável à brincadeira, seja ela, livre, dirigida, planejada e com intencionalidade para que a criança se desenvolva de maneira integral, considerando os aspectos afetivos, cognitivos e motores.

Além do ambiente familiar, a escola se caracteriza como um espaço de promoção da identidade singular de cada criança, partindo de uma perspectiva interacionista para explicar de que forma a criança compreende o mundo ao seu redor e o interioriza.

Ao concluirmos este estudo, verificamos que o mesmo possibilitou novos conhecimentos e novas reflexões sobre como as contribuições à brincadeira para o

desenvolvimento da criança, como prática contextualizada nos espaços da educação infantil.

Com este estudo foi possível perceber que é necessário disponibilizar de locais e momentos para as brincadeiras livres das crianças. Com esta prática é possível conhecer as necessidades, interesses, atitudes e potenciais das crianças. Essas situações lúdicas permitem repensar e adequar sugestões, de promover práticas interacionistas e de favorecer o desenvolvimento integral das crianças.

A escola tem sido um espaço importante na sociedade atual, espaço esse pertinente para o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos.

Conforme Araújo (2001), a escola deve apresentar-se ao aprendiz como um espaço de busca, construção, diálogo e confronto, prazer, desafio, conquista, aventura, descoberta de diferentes possibilidades de expressão e linguagens.

A criança, por si só é um ser que brinca e encontra nesses momentos de brincadeira o prazer e a descoberta. Através da brincadeira, a criança reproduz ações cotidianas, recria ações e expressa seus sentimentos. O ato de brincar ganha destaque na rotina das crianças e do mesmo deveria acontecer nos centros de ensino.

Sabendo-se que é brincando que se aprende, ao delimitarmos o brincar das crianças ou privá-las desses momentos, estaríamos indo contra um dos princípios básicos do RCNEI e contra a condição da criança de necessitar cuidado e momentos de lazer.

Nesse sentido, compreendemos que é no brincar que as crianças se expressam e se sentem livres para escolherem seu pares, não sendo necessário impor apenas jogos dirigidos, mas que sejam proporcionadas brincadeiras de livre escolha, para que juntas possam criar, interagir e desenvolver o imaginário, valorizando e respeitando os relacionamentos - criança e educador e criança e criança - em busca de uma boa convivência nos espaços da brincadeira.

Apesar da construção de novos conceitos acerca de infância e criança e do papel fundamental que tem o brincar para o seu desenvolvimento, muito ainda precisa ser modificado na maneira como a brincadeira, seja ela na face do lúdico, livre ou no horário do parque é compreendida pelas professoras, porque isso afetará diretamente na maneira como elas organizarão seu planejamento e atividades.

Explorar brincadeiras na educação infantil é compreender a sua importância ímpar. É possibilitar abranger nas relações sociais, a desconstrução do egocentrismo e favorecer o aprendizado com qualidade, pela experiência, pela vivência e pela autonomia.

4. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Lucineide C. **A brincadeira Infantil e a alfabetização**: buscando articulações na/ para a prática pedagógica. Monografia de Especialização em Ed. Infantil. UFRN, 2001.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Escola infantil: pra que te quero? In.: CRAIDY, Carmem Maria e KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (orgs.). Educação infantil: pra que te quero? – Porto alegre: Artmed editora, 2001.

FRANCO, Márcia E. Wilke. Compreendendo a infância / Márcia E. Wilke. Porto Alegre: Mediação, 2002. (Cadernos de Educação Infantil; 11).

FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

KISHIMOTO, TizukoMorchida. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. FE-USP, 2010.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Os primeiros passos na construção das ideias e praticas de educação infantil. A educação infantil europeia no século XX. In: _____. Educação Infantil: fundamentos e métodos. – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2005. – (coleção docência em formação).

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de e ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde. O valor da interação criança-criança em creches no desenvolvimento infantil. USP/Campus de Ribeirão Preto. Cad. Pesq., São Paulo, n.87, p.62-70, nov. 1993.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança** . Rio de Janeiro: Guanabara, Koogan, 1978.

_____. **A linguagem e o pensamento da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Vygotsky. LS. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.